

**O HEROÍSMO NA *ENEIDA*.
ALGUNS ASPECTOS DA FORMAÇÃO
E EVOLUÇÃO DE ENEIAS**

CLÁUDIA AMPARO AFONSO TEIXEIRA
(Universidade de Évora)

Abstract: The definition of the heroic statute of Aeneas constitutes one of the problems still in debate. This paper explores some episodes of the *Aeneid*, seeking to demonstrate that, already in the first books, Aeneas reveals heroic characteristics, namely of social and political tenor, while, concerning other elements, relative to the plan of the relationship of his individuality with mission, it presents ruptures, that stays to the end of the narrative.

Keywords: *Aeneid*, heroism, Aeneas.

No quadro das muitas interpretações suscitadas pela *Eneida* de Virgílio, a questão do heroísmo subjacente à personagem de Eneias continua a constituir-se como objecto central da discussão da crítica. Marcada por um debate que tem privilegiado a definição de evolução do herói, no sentido de uma progressão qualitativa, a perspectiva mais geral continua a ser a da consideração de que o heroísmo de Eneias evolui paulatinamente de uma formulação de tonalidades mais homéricas para uma formulação que, sustentada pelas modificações do seu *ethos* e pela transformação da relação com a missão, se revela mais próxima das características de herói romano. Diferente tem sido, no entanto, a perspectiva segundo a qual essa evolução se processa, mas são raras as excepções em que essa perspectiva, quer assente na apologia de uma mudança gradual, quer na apologia de uma mudança súbita, se não

apoie em dois factores estruturantes: a aceitação completa e inquestionável do destino por parte de Eneias e a consequente determinação, activa e dinâmica, que põe no seu cumprimento. Esta ideia tem levado à constatação de que, no tocante a Eneias, se opera uma segmentação entre um heroísmo de formação e um heroísmo sedimentado, cujo núcleo de cisão ocorre, de acordo com a perspectiva maioritária, no livro VI.¹ No entanto, esta perspectiva não deixa de se apresentar em contradição com alguns episódios, em que determinadas características do heroísmo, sobretudo de natureza social e política, se não enquadram nos princípios rígidos dessa segmentação.

Incontornáveis, no quadro desta problemática, são as duas imagens de Eneias no início do livro I, ou seja, a que resulta da *allocutio* (1.94-101: '*O terque quaterque beati, ...*'), proferida no quadro da tempestade do mesmo livro, e a do discurso encorajador que, na sequência do naufrágio, dirige aos companheiros² (1. 198-209: '*O socii ...*'). O quadro imagético-ideológico que resulta do conjunto tem levado a posições antagónicas que variam entre a consideração de que o desespero existencial do herói na tempestade, considerado à luz dos parâmetros estabelecidos pela tradição, revela fragilidades pouco esperáveis no quadro da definição de um herói épico, a que só o segundo discurso, porquanto resgata o herói das tonalidades emocionais do anterior, «as a sign of Aeneas' leadership and resistance to despair»,³ daria alguma remição. No entanto, se por um lado, estes episódios se constituem como a base em relação à qual a evolução de Eneias tende a ser considerada, por outro lado, a crítica que assenta em pressupostos mais fixistas tende a considerar que ao episódio não subjaz qualquer tipo de desajuste formal em relação à tradição, uma vez que «The Homeric heroes, therefore, do not feel inhibit to show their

¹ OTIS (1964); CARLSSON (1945). HEINZE (1993) constata a mudança súbita de Eneias, no final do livro V (5. 727).

² SEGAL (1981), 70, entende que, neste discurso, «addressed to his present companions (*O socii*) and not to the remote dead at Troy (1.198-207), he enunciates the divine purposes, takes a broad view of time, and commands the wider perspective of memory (...). Memory is also the perspective of the poet who keeps past achievements alive in song. Aeneas' concluding lines on the peaceful abode shown by the fates and the resurgence of Troy in fact anticipate Jupiter's prophetic divine voice some sixty lines later (...).»

³ STALEY (1990), 26.

feelings even though they seem to be aware that tears are a sign of weakness. Thus, it should not be far-fetched to call tears and sighs a traditional feature of epic heroes. It should not seem strange that the same Aeneas who is superior and equal to every task can also shed tears and have emotional troubles. Otherwise, we would have to say that Vergil borrowed those elements of a Homeric hero which make him human and associated them with his hero to make him weak.»⁴

No entanto, e embora, pela relação de causa e consequência que deles resulta, o conjunto dos episódios testemunhe efectivamente a passagem de um quadro de desespero para um quadro de acalmia, tal não implica a sua suficiência para a determinação, senão do estatuto heróico de Eneias, pelo menos da dimensão qualitativa da heroicidade que lhe subjaz. Com efeito, se os motivos presentes na *allocutio*, apesar de resultarem de um quadro emotivo, não implicam, por si só, o atenuamento de qualidades, na sua maioria, ainda por demonstrar, também os motivos seguintes, apesar de redimirem o plano extremo das sensibilidades, resultante da imagem anterior, não se configuram suficientemente expressivos para uma total e acabada definição do heroísmo eneíadico. Tal aspecto não deixa, no entanto, de estar em consonância com os pressupostos, forçosamente preambulares, inerentes a um começo *in medias res* e que, neste caso, determina que a expectativa relativamente à natureza do herói virgiliano se mantenha.

Essa expectativa começa apenas a adquirir contornos de maior precisão e justeza através da narração *a posteriori* feita por Eneias na corte de Dido. A recuperação do quadro da *suprema nox*, apesar do enunciado redimensionamento que Eneias faz da sua participação nos acontecimentos (2.6: *et quorum pars magna fui* («nos quais tive um papel importante»)), e o consequente desenvolvimento da narrativa no livro III, permitem equacionar determinados elementos que firmam a natureza heróica do protagonista. Esses elementos começam a definir-se na intervenção de Heitor que, após anunciar a inutilidade da resistência, comunica a Eneias o teor da missão de que, a partir daquele momento, se encontra investido (2.293-295):

*Sacra suosque tibi commendat Troia penatis
'Hos cape fatorum comites, his moenia quaere
magna pererrato statues quae denique ponto.'*

⁴ FUHRER (1989), 66-67.

«Tróia entrega-te as suas memórias sagradas e os seus Penates. Toma-os por companheiros do teu destino e procura para eles os muros elevados que, finalmente, levantarás, depois de longamente errares pelo mar.»

No entanto, apesar da anunciada escolha de Eneias apresentar um carácter de desígnio, na medida em que é a própria Tróia que, ao exercer um poder electivo, o escolhe para a sua perpetuação (293: *Sacra suosque tibi commendat Troia penatis*), Eneias esquece, em um primeiro momento, as palavras do *spectrum* de Heitor e, ao reconhecer os sons da batalha, tomado pelo *furor* e pela *ira*, confessa-se decidido a morrer de armas na mão. Mas, mais do que o ajustamento ou desajustamento⁵ às condicionantes da narrativa e até a aspectos extraliterários,⁶ a reacção de Eneias apresenta a vantagem de centralizar a questão da sua formação heróica. E, neste sentido, a desobediência precipitada aos ditames do *fatum*, que coincide precisamente com o episódio cronologicamente mais antigo da obra, compromete, desde logo, uma definição acabada do seu estatuto heróico, facto que abre de imediato espaço à criação de um plano de formação *in agendo*, em solidariedade orgânica com os pressupostos da *inventio*. Essa solidariedade, que implica, entre outros, o comprometimento da ficcionalização com a superestrutura histórico-ideológica, visível na adaptação das *res gestae* lendárias e literárias à história de Roma, implica igualmente uma paulatina adequação de Eneias ao papel e estatuto de fundador de um império. E, deste modo, após o quadro da destruição de Tróia, a figura do Troiano não pode deixar de exigir um processo de aquisição e demonstração de facetas heróicas, orientadas de acordo com os valores centrais romanos.

⁵ BURNELL (1982), 69, sustenta a opinião contrária: «the thirst for death and blood that Aeneas initially shows at Troy would have been a kind of heroism traditionally repellent to the Romans.» STAHL, “Aeneas...”, 165, observa que «This presentation makes him to Virgil’s readers a man of flesh and blood, not a mere theoretical synthesis of the four virtues his living descendant Augustus was so proud (...) manliness, clemency, justice and piety (...).»

⁶ CAMPS (1969), 26, observa que «is possible he is not confessing a failure of self-control but describing a reaction that to a Roman would seem proper and natural in a man whose country was falling in ruins about him».

Essa aquisição não se revela, contudo, de forma linear e, nos primeiros livros, resulta até comprometida pelo modelo tutelar que se estabelece entre Anquises e Eneias; um modelo em que, ao privilegiar Anquises como o agente moral da expedição, papel que mantém até à sua morte, tem como efeito o relegar de Eneias para a periferia executora da mesma. Esta relação ilustra o estado primeiro da condição heróica de Eneias, em que o pai se impõe «(...) pela idade, pela sua sabedoria, pela sua experiência. Daí resulta que a voz de Anquises, até à sua morte, seja a mais respeitada por todos e, em primeiro lugar, por Eneias. A ele cabe dar ordem de partida depois do inverno em que, no monte Ida, se preparam para a longa viagem.»⁷ No quadro das primeiras tentativas de estabelecimento, é Anquises que igualmente assume o protagonismo das interpretações dos prenúncios oraculares em 3.94-98; que exorta ao regresso a Delos para uma nova consulta ao oráculo de Apolo; que, após reconhecido o erro, rememora a dupla ascendência dos Troianos e evoca uma antiga predição de Cassandra, que tinha anunciado a demanda da Hespéria; que, após a profecia de Celeno, faz uma prece aos deuses (3.265-266); que recebe a ordem de partida por parte de Heleno (3.475-480); e que interpreta o presságio dos quatro cavalos brancos (3. 537-543).

No entanto, o quadro do livro III, longe de oferecer uma imagem anti-heróica de Eneias, apresenta um herói que, apesar de diminuído em virtude da partilha da liderança com Anquises, das incertezas de uma viagem longa e da constante fixação em lugar errado, não deixa de assumir a missão de que se encontra investido, sem questionar, de forma estrutural, as constantes mutações a que o destino o obriga.

Além disso, se, de um ponto de vista interno, o conhecimento⁸ constitui o elemento que, segundo a crítica, confere, precisamente no livro VI, definição acabada ao heroísmo de Eneias, verifica-se que esse processo se começa a desenvolver ao longo do livro III. Após as revela-

⁷ PIMENTEL (1990), 132.

⁸ O conhecimento estabelece-se também como o móbil da definição da expedição ao longo do livro III. Vd., por exemplo, a importância do conhecimento concreto do termo *ad quem*, proporcionado pelas revelações dos Penates (3.161-166); de igual forma, em Butroto (3.384 e seg.), a aquisição de conhecimento contribui, funcionalmente, para a concretização da viagem, uma vez que Eneias fica a conhecer os seus verdadeiros contornos, obtendo, deste modo, uma definitiva orientação.

ções de Heitor e de Creúsa dirigidas ao herói ainda no livro II, o processo de conhecimento centra-se, em um primeiro momento, na relação Eneias-Anquises, como bem o indicam as informações de Apolo que, em Delos, visam um público plural (3.94-96) e as revelações dos Penates, que indicam explicitamente a Eneias que partilhe as informações com o pai (3.169-170). Este processo vai, no entanto, demarcar-se paulatinamente da relação Pai-Filho para se centrar na figura de Eneias. Com efeito, no final do livro as informações da profecia de Héleno convergem explicitamente para o herói (3.388: *signa tibi dicam, tu condita mente teneto* («Vou dar-te alguns sinais: guarda-os e retém-nos na tua mente»)), em uma clara demonstração da existência de uma evolução qualitativa na relação de Eneias com a sua missão.

Além disso, também os episódios de natureza aventurosa, que ocorrem no quadro do livro III, sugerem algumas considerações relativamente à questão do heroísmo.

O primeiro episódio ocorre, pouco depois de os Troianos aportarem nas Estrófades, local onde se deparam com «(...) a setting with at least one reminiscence of a golden age. Rich cattle are everywhere about with no guardian.»⁹ A apazibilidade do local leva-os a matar algumas cabeças do gado para se alimentarem. O acto constitui uma ofensa às Harpias, que os atacam. Após o primeiro ataque, Eneias dá ordem de contra-ataque.¹⁰ A decisão constitui, no entanto, uma afronta (3.247-249), que, subitamente, dita um castigo (3.250-257), que emana de um contexto de vingança. O segundo episódio ocorre na região dos Ciclopes, onde os Troianos encontram Aqueménides, que lhes conta as circunstâncias em que ficou esquecido pelos companheiros, bem como episódio congénere narrado na *Odisseia*. Após o seu relato, o Ciclope aparece. Os Troianos, aterrorizados, acolhem Aqueménides, mas, face às tentativas de agressão por parte do monstro, optam por fugir do local.

Se, de acordo com a tradição homérica, nomeadamente a de inspiração odisseica, a acção humana sobre o mundo sobrenatural tende a estabelecer, de forma natural, uma correlação directa com a questão do heroísmo, na medida em que tal heroísmo resulta reforçado em função das constantes vitórias do herói sobre forças a ele superiores, em uma

⁹ PUTNAM (1995), 53.

¹⁰ PUTNAM (1995), 54, observa que «(...) Aeneas enters the territory of the monster and yields to its negative enticements.»

dialéctica de oposição e superação, na *Eneida*, os episódios recuperados do contexto odisseico revelam um total dissídio entre os dois pares dessa dialéctica, em favor de uma nova dialéctica, que assenta na aprendizagem. Essa constatação é bem visível na reacção distinta a dois perigos intrinsecamente semelhantes. Com efeito, se, no primeiro episódio, a atitude de Eneias constitui, na opinião de Di Cesare, a primeira decisão que efectivamente toma no decurso da expedição,¹¹ essa decisão revela-se profundamente marcada pela imprudência. De forma contrária, e apesar de, na *Odisseia*, o episódio do Ciclope contribuir para o avolumar da reafirmação de características de um estatuto heróico, o de Ulisses, que assenta nos valores da inteligência, da astúcia e da solércia, Eneias evita o contacto com Polifemo, evidenciando, deste modo, traços de personalidade semelhantes aos do homem comum.¹² No entanto, se considerada no cotejo dos dois episódios de natureza aventurosa, a alteração de comportamento face ao modelo homérico, mais do que traduzir a incapacidade de enfrentar a adversidade, traduz, em estreita acomodação da norma estóica que associa prudência a conhecimento, aprendizagem. Neste sentido, a refiguração da funcionalidade dos episódios de natureza aventurosa, em ajuste ao teor da missão eneiádica que, mais do que debelar monstros, se revela tributária da fundação de um império, encontra-se estreitamente associada à demonstração de um heroísmo, cuja formulação assenta na aquisição progressiva de conhecimento, quer activo, quer passivo, e na sua demonstração.

Deste modo, é possível constatar que, ao longo dos primeiros livros da *Eneida*, são já visíveis, no tocante à definição heroísmo de Eneias, não só uma clara acomodação aos ditames do *fatum*, mas também uma distinta expressão de traços de heroísmo social, que, desde a saída de Tróia, se revelam na consciência de que o êxito da demanda da Hespéria assenta, de forma máxima, em si próprio, e a que as sucessivas aquisições de conhecimento, feitas por intermédio dos deuses, de oráculos e profecias, de Anquises e da própria experiência dão uma estruturação cada vez mais forte. Confirmam-no o facto de que esses valores, mesmo

¹¹ Di Cesare (1974), 73, considera mesmo que Eneias, após o erro de Anquises relativo à interpretação do oráculo de Apolo, «comes, briefly, stage-center» e dá como exemplo dessa modificação o facto de ser o próprio Eneias, e não Anquises, a dar a ordem de ataque às Harpias.

¹² A expressão de medo é clara e explícita em *En.* 3.666-667.

quando temporariamente esquecidos e inactivos, como vai suceder com a pausa retardadora de Cartago, se voltam imediatamente a reactivar sem questionamento, como efectivamente vai acontecer após a advertência de Mercúrio (4.265 e seg.).

Estes pressupostos não implicam, no entanto, que, do ponto de vista individual, se verifique uma igual interdependência na articulação entre vontade e destino. Essa desarticulação, além de derrogar a completude do estatuto heróico que, por natureza, tem de se constituir como um todo orgânico, integrador das facetas e traços do herói em conjunto coerente e coeso, vai potenciar o conflito emergente em Cartago. Com efeito, se, de um ponto de vista exterior, a vontade expressa de Eneias coincide com as expectativas de Dido no tocante à permanência em Cartago, a inevitabilidade da partida vai forçar, de acordo com a exigência do *fatum*, a ruptura entre vontade e expectativa, em favor da articulação entre destino e missão, que passa novamente a ocupar o centro da narrativa. E tal facto implica, de forma imediata, a transferência ideológica de Dido do plano central da narrativa para a sua periferia mais esbatida. Neste sentido, seria de esperar, da parte de Eneias, uma resolução capaz do conflito decorrente desta modificação; um conflito que, apesar de inevitável no plano geral da narrativa, apresenta espaço para um debate resolutivo no campo individual. No entanto, é precisamente neste campo que as fragilidades de Eneias se vão evidenciar. O conflito, gerado pela, já de si trágica, impossibilidade amorosa, ditada pelo destino, acaba ampliado pelo conjunto das acções do herói, nomeadamente a da preparação, às ocultas, da partida, e das enunciações discursivas que dirige à rainha (4.338-339 e 4.347-350). E, deste modo, a falta de articulação entre vontade e destino, que evidencia o conflito entre individualidade e missão, constitui-se como um elemento de tensão que, porquanto não dirimida, actua como o motor do conflito e contribui para o avolumar da densidade dos seus efeitos; e, em última análise, demonstra as fragilidades do *ethos* heróico de Eneias, no tocante ao plano mais estreito da sua individualidade. Esse plano parece, no entanto, obter reformulação no livro VI (6.456-466), no momento em que as suas palavras relativamente à coacção dos deuses em nada obstem à manifestação sincera de *pietas* relativamente à sorte de Dido.

O contexto quer da aquisição, quer da demonstração do heroísmo, obtém uma nova definição no livro V, durante a estada em Drépano, que, porquanto se constitui como o último momento de pausa na viagem

antes da chegada a Itália, apresenta uma função conclusiva em relação à definição de determinados elementos que nela se actualizam. Além da homenagem a Anquises, os Troianos beneficiam, pela primeira vez da possibilidade de, por meio dos Jogos, fazerem a demonstração do seu heroísmo individual, para, através dele, oferecerem uma visão do heroísmo do conjunto. No entanto, os jogos, mais do que confinarem a sua natureza à expressão do heroísmo dos que neles participam, constituem-se como um veículo de demonstração de uma conduta, por parte de Eneias, e que assenta nas decisões de carácter social, político e humano que toma no seu decurso. Com efeito, face às circunstâncias em que a ordem natural dos eventos é alterada por um somatório de peripécias, que geram conflitos entre os participantes, Eneias toma um conjunto de atitudes que simultaneamente anulam o conflito e sedimentam a coesão. Se, por um lado, o herói premeia justamente os vencedores, por outro lado, a consciência de que a ordem natural foi alterada leva-o a atribuir prémios a todos os participantes, de forma a dirimir os conflitos. E, neste sentido, considerados os jogos e os conflitos que deles emergem como uma metáfora dos conflitos políticos e sociais que necessitam da intervenção e gestão de um chefe político, a conduta de Eneias demonstra, de forma categórica, uma faceta heróica, que assenta em princípios de estado; princípios que expressam um modelo de justiça mediada pela acção política, ou seja, o modelo de justiça aplicado por um *princeps*.¹³

O livro V apresenta ainda outro episódio relevante para a consideração do heroísmo: o episódio do incêndio das naus. Após a destruição de alguns navios, Eneias exprime novamente uma profunda indecisão,¹⁴ que tende a ser vista pela crítica¹⁵ como mais um momento de fraqueza. No entanto, esta nova hesitação resulta de uma crise de teor muito dis-

¹³ QUINN (1968), 156, afasta-se desta opinião e entende que a partilha, nos jogos, da autoridade com Acestes testemunha que «Aeneas had not failed to sense his loss of moral authority over his men.»

¹⁴ 5.702-703: *Siculisne resideret aruis / oblitus fatorum, Italasne capesseret oras* («Deveria, esquecido dos fados, fixar-se nos campos sículos ou tentar alcançar as costas de Itália?»).

¹⁵ WILLIAMS (1983), 90, observa que «At this moment of sudden and unexpected disaster Aeneas consciously formulates and considers the option of abandoning his mission and (unlike his immediate decision about leaving Dido) this time he finds himself unable to make a decision.»

tinto relativamente às anteriores, uma vez que a consequente reacção dos Troianos ao incêndio, que se traduz no manifesto desejo de não prosseguirem viagem, configura uma crise social, em que parte do colectivo se opõe à missão que é legitimada precisamente pela existência desse colectivo. Tal conflito, que reflecte uma típica crise de principado, que opõe à *vox populi* o desígnio estabelecido para esse mesmo povo, exige, por consequência, um momento de ponderação. E tal como um *princeps*, Eneias vai ouvir os conselhos dos mais sábios e dos deuses. Depois da solução proposta por Nautes (5.709-718), que defende uma aliança com Acestes, também Anquises, ao transmitir a voz de Júpiter, reitera a pertinência dessa aliança,¹⁶ de forma a que a expedição continue apenas com os (5.729) *lectos iuuenes, fortissima corda* («jovens de escol e os corações mais valentes»), uma vez que em Itália o espera uma (5.730) *gens dura atque aspera cultu* («uma raça belicosa e de costumes selvagens»).

O redimensionamento ideológico, decorrente das palavras de Anquises, parece constituir o reflexo colectivo da evolução qualitativa de Eneias, patente no livro V. Com efeito, se a resolução das crises, que constituem metáforas poderosas das crises de estado, bem como a aquisição, pela primeira vez na obra do epíteto de *pater* (5.348), levam forçosamente a um reforço do estatuto heróico do Troiano, esse reforço é agora aplicado ao colectivo, na medida em que a referência aos *lecti iuuenes* implica a redução do núcleo troiano, em estreita acomodação à maior exigência que, nas palavras de Anquises, vai caracterizar a fase de estabelecimento.

Neste sentido, a demonstração do valor político de Eneias, visível na gestão de crises, bem como a inquestionável liderança que, do ponto de vista social, sempre desempenhou, contribuem para a constatação de que, nestes planos, o heroísmo se formula em um quadro anterior à catábase. Neste espaço, Eneias beneficia, no entanto, de uma aprendizagem estruturante, que lhe faculta a apreensão definitiva da irreversibilidade do passado e um conhecimento dos factos históricos, que determinam a consequente e definitiva consciencialização do verdadeiro sentido da sua empresa.

¹⁶ PUTNAM (1966), 91, observa que existe uma diferença entre os dois discursos: «Nautes looks, in general, to the conclusion of another segment of Aeneas' history and specifically to those who wish to remain in a world which is neither Troy or Rome. Anchises' speech (...) looks to the future.»

A consideração quase unânime da crítica de que, após a catábese, o conhecimento adquirido, que valida e sustenta a importância da missão, bem como a compreensão integral do seu significado, determinam a centralidade de Eneias na narrativa, acomoda-se plenamente à resposta que, na sequência das revelações Apolo, no tocante à necessidade de enfrentarem (6.86) *horrida bella* e (6.89) *alius Achilles*, o herói dá à Sibila em 6.103-105 :

*'Non ulla laborum,
o uirgo, noua mi facies inopinave surgit:
omnia praecepi atque animo mecum ante peregi.'*

«'Não se levanta provação alguma, ó virgem, que se me afigure nova ou inesperada: previ todas estas coisas e, no meu espírito, as vi realizadas de antemão.'»

No entanto, e embora a questão do heroísmo de natureza bélica ocupe translativamente os livros seguintes, em uma clara demonstração do perfil acabado de Eneias no tocante a esta faceta, a questão volta a colocar-se, na sua dimensão política, em dois episódios centrais. O primeiro, que consiste no longo discurso que dirige a Evandro (8.127-151), permite constatar, na sequência da resolução das crises do livro V, uma continuada expressão de traços de heroísmo político, evidenciado agora na submissão de todos os factores políticos, que assentavam no antagonismo entre Tróia e Grécia, ao imperativo do estabelecimento no Lácio.

O segundo, que coincide com a decisão de dar morte a Turno, vai, no entanto, relançar a questão. No episódio de fecho, quer a súplica de Turno (12.930-938), apoiada na declaração de que se considera *uictus*, quer a própria dinâmica discursiva de Eneias (12.947-949), ao centra-se no princípio da *amicitia* que o liga a Palante e não em matéria de ordem política e social, parecem afastar o consequente argumento de que a morte do Rútulo constituiria uma exigência necessária ao estabelecimento troiano em Itália. Neste sentido, a decisão de dar morte ao inimigo parece resultar mais de uma decisão movida por factores individuais do que de uma decisão movida por determinações de ordem política.¹⁷ Este

¹⁷ Discordamos de GRANSDEN (1984), que considera que, no comportamento de Eneias, a única atitude que surpreende é a hesitação que chega a sentir

facto permite concluir que, em um quadro, no qual as atitudes dos dois guerreiros se mostraram antitéticas relativamente aos valores que os norteavam,¹⁸ essa antítese se exprime agora *ex inverso*. O *furor* e *ira*, dois dos traços permanentes da acção de Turno, transmutam-se agora para a acção inclemente de Eneias, que parece manifestar um retrocesso na sua caminhada de *pietas*¹⁹ e de *humanitas*. Além disso, tal acção encontra-se em total desajuste à moral de estado, enunciada por Anquises, e que assenta, entre outros, no princípio *parcere subiectis* (6.853).

Este episódio volta novamente a pôr em primeira linha o problema do heroísmo, uma vez que a decisão de dar morte a Turno mais não exemplifica do que uma ruptura que impede a coesão interna do estatuto heróico adquirido.²⁰ No entanto, essa falta de coesão, mais do que derivar

em dar morte a Turno. No extremo oposto, GALINSKY (1988), 333-334, justifica o *furor* de Eneias à luz dos preceitos aristotélicos: «In the final scene, Aeneas' behaviour is almost a textbook illustration of Aristotle's view of anger. Aristotle nowhere says that it is always wrong to be extremely angry nor is anger the result of some totally irrational force. (...) In short, in respect to anger we have excess, deficiency, and the observance of the mean (NE 1108^a4). The three characters of the *Aeneid* which are in complete conformity with these categories are, respectively, Turnus, Latinus and Aeneas.»

¹⁸ Vd. a este respeito a atitude antitética, demonstrada nos combates singulares entre Turno e Palante e Eneias e Lauso, no livro X, em que Eneias, ao reconhecer a sua superioridade, tenta demover Lauso do combate, ao passo que Turno assume, sem constrangimentos, a sua superioridade e diz lamentar que Evandro não esteja presente para ver derrota do filho; Turno despoja o cadáver de Palante e Eneias lamenta a sorte de Lauso e entrega o seu corpo aos inimigos, sem o despojar das armas.

¹⁹ QUINN (1968), 21, considera a cena final como a representação do conflito entre a *pietas* e o heroísmo.

²⁰ PUTNAM (1987), 193, considera que o não cumprimento dos preceitos de Anquises «(...) means that Aeneas' final deed of killing his arch enemy Turnus is the first truly Roman action – Aeneas as *Romanus*, not *Troianus*. That he disobeys his father's exhortation to practice clemency and, in the heat of fury, kills a suppliant as the epic ends, therefore calls into question both the hero's much touted *pietas* and the possibility of any higher morality in the Roman design for rule. He is, finally, a spiritual failure in both the private and the public spheres, but the consequences at the end of the epic are far larger than in the aftermath of the Dido interlude. Aeneas' final act demeans both father and son, and darkens the Roman future, at least as Virgil envisions it.»

de uma 'imperfeição intrínseca' de Eneias ou de uma visão anti-Augustana,²¹ parece dar sequência a elementos definidores do quadro valorativo da obra, que traduzem o equilíbrio precário, resultante da ingerência da individualidade, forçosamente parcial e imperfeita, na actualização e consecução ideológica das normas que definem a missão. Deste modo, se os livros iliádicos reiteram e reforçam os elementos do heroísmo, presentes na parte odisséica da *Eneida*, o episódio de Turno reitera e reforça a ideia, evidenciada também no livro IV, no momento do abandono da cidade, da inexistência de uma agregação solidária entre as facetas sociais e políticas desse heroísmo com o plano da individualidade, considerado no seu sentido mais estrito. Com efeito, a percepção desta desarticulação não deixa de se revelar como uma percepção da precariedade da condição humana, na sua relação com o destino, com o poder e com as normas que, em abstracto, o deveriam conduzir. Neste sentido, a derradeira acção de Eneias, porquanto ilustra a ingerência de factores humanos na definição de um percurso, qualitativamente considerado, constitui-se como um reflexo existencial do universo de teor pessimista que configura a *Eneida*, no tocante aos planos da individualidade, e, por extensão metafórica, um reflexo da própria vida humana.

²¹ WILSON (1969), 74-75, observa que «To my own mind, a conscious anti-Augustanism in Virgil (...) is quite unacceptable. The systematic blackening of Turnus' character in itself goes against such a view. And yet, in spite of Virgil's efforts, Turnus survives his moral blackening and the foul forces of death to emerge as an authentic hero while Aeneas, by his very good intentions, is ultimately an ineffectual sentimentalist who in the name of *humanitas* ravages the pristine Italian world just as he had ravaged the budding city of Carthage.»

BIBLIOGRAFIA

- BURNELL, Peter J., "Aeneas' reaction to the defeat of Troy", *G&R* 24 (1982) 63-70.
- CAMPS, W. A., *An introduction to Virgil's Aeneid*, Oxford, OUP, 1969.
- CARLSSON, Gunnar, "The hero and fate in Virgill's Aeneid", *Eranos* 43 (1945) 111-135.
- DI CESARE, Mario, A., *The altar and the city*, New York – London, Columbia University Press, 1974.
- FUHRER, Therese, "Aeneas: a study in character development", *G&R* 36 (1989) 63-72.
- GALINSKY, Karl, "The anger of Aeneas", *AJPh* 109 (1988) 321-348.
- GRANSDEN, K.W., *Virgil's Iliad. An essay on epic narratives*, Cambridge, CUP, 1984.
- HEINZE, Richard, *Virgil's epic technique* (transl. HAZEL, D. e ROBERTSON, F.) Bristol, BCP, (reed.) 1993.
- JOHNSON, W. R., *Darkness visible. A study of Vergil's Aeneid*, Berkeley – Los Angeles – London, UCP, 1976.
- MEDEIROS, Walter de Sousa, "A outra face de Eneias", *Humanitas* 33-34 (1981-2) 81-94.
- OTIS, Brooks, *Virgil. A study in civilized poetry*, Oxford, OUP, 1964.
- PERRET, Jacques, *Virgile. Énéide. Texte établi et traduit par...*, Paris, Les Belles Lettres, I-III, 1977-1980 (texto base das citações).
- PIMENTEL, Maria Cristina de Castro-Maia, "Eneias ou o homem em busca de si mesmo", *Classica* 2 (1990) 123-182.
- PÖSCHL, Viktor, *The art of the Aeneid*, Ann Arbor, 1962.
- PUTNAM, Michael, C., J., *The poetry of the Aeneid. Four studies in imaginative unity and design*, Cambridge Massachusetts, HUP, 1966.
- _____, *Virgil's Aeneid. Interpretation and influence*, Chapel Hill – London, UNCP, 1995.
- _____, "Virgil's Inferno", *MD* 18 (1987) 165-202.
- QUINN, Kenneth, *Virgil's Aeneid. A critical description*, London, Routledge & Kegan Paul, 1968.

SEGAL, Charles, "Art and the hero: participation, detachment, and narrative point of view in *Aeneid I*", *Arethusa* 14 (1981) 67-83.

STAHL, Hans-Peter, "Aeneas – an 'unheroic' hero?", *Arethusa* 14 (1981) 157-177.

STALEY, G. A., "Aeneas' first act: 1.180-194", *CW* 84 (1990) 25-38.

WILLIAMS, Gordon, *Technique and ideas in the Aeneid*, New Haven – London, YUP, 1983.

WILSON, John R., "Action and emotion in Aeneas", *G&R* 16 (1969) 67-75.